

"Foi. Nunca mais será. Lembre-se."

Com estas palavras o autor termina o seu trabalho. Vem a inquietação da quebra de algo que deliciosamente nos mantinha capturados.

Nunca mais será, está morto. Lembre-se e viverá. Foi, tempo passado. Lembre-se, tempo presente, imperativo. É imperativo lembrar.

"Foi. Nunca mais será. Lembre-se.", lembre-se de que aquilo que foi não pode mais ser o mesmo, mas se você lembrar poderá estar de volta outra vez... É sobre este tema em sua abrangência, que o autor vai nos pondo a pensar enquanto nos conta sua história. Uma história comum, como são comuns as histórias de todos nós, contada a partir de uma visão sensível e poética como só alguns conseguem, de uma maneira ou de outra, fazer perceber-se a singularidade e a beleza das vidas comuns.

O Inventor da Solidão é uma obra literária, descompromissada com qualquer teoria psicológica, testemunho de um momento particular da vida do seu autor. Como tal, seu poder de atração está na sua habilidade de provocar envolvimento e emoção.

Cumplicidade, paixão e prazer estético são a meu ver as melhores razões para alguém se entregar à leitura de um livro, mas também são motivos que interessam à Psicanálise. Na literatura psicanalítica, não faltam exemplos de como a arte é fecunda na aproximação do seu campo com as entranhas do psiquismo. Como

À sombra da memória

Resenha de Paul Auster, O Inventor da Solidão, São Paulo, Editora Best Seller, 1992, 182 p.

forma de expressão de intensidades que não se traduzem por outro meio nem de uma maneira sempre a mesma, a arte cria um acesso possível para um território incomunicável do universo humano. Talvez por isso a leitura de um livro que nos encanta nos coloca no caminho da Psicanálise, porque é uma forma emocional de conhecer que se aproxima do insight psicanalítico.

A primeira parte do livro chama-se: "Retrato de um homem invisível".

Durante o trabalho de luto pela morte de seu pai, o autor vai construindo a imagem de alguém mais apreensível depois de morto do que antes quando em vida. O livro começa na cabeça do autor antes dessa morte, mas torna-se urgente quando ela ocorre, sob a forma de um acontecimento impactante: "...um homem morrer simplesmente porque é um homem, nos acerca tanto da fronteira invisível entre a vida e a morte que nem sabemos mais de que lado estamos. A vida torna-se morte, e é como se tal morte estivesse possuindo essa vida o tempo todo. Morte sem aviso. Equivale a dizer: a vida pára. E pode parar a qualquer momento." (p. 7). Acontecimento que vai nele disparar um mal estar e um desamparo que se expressam na urgência de escrever, mesmo não sabendo exatamente como nem o quê. Efeito poético, estético e psicanalítico de um fato da vida.

Que a morte do pai desnuda uma falta de pai, é uma possibilidade, mas desde este início podemos sentir que o autor está perturbado por uma falta de uma outra ordem, apoiada na primeira. Algo que está atomizado nas incógnitas de uma personagem lacunar.

Começa então a descrever as suas impressões do pai reconhecendo que o seu traço comum é o estranhamento diante de sua falta em ser - o homem invisível.

Aparências: alguém que conseguia manter-se distante da vida, vivendo dentro dos conformes. Que fazia do hábito um anestésico, com uma "mente incapaz de reagir a evidências físicas e emocionais" (p. 11).

Fotografias: outro território de encontro. As imagens de alguém sob uma máscara, não porque queria ocultar-se, mas porque ela mesma era o seu conteúdo. Sua capacidade de evadir-se, dada sua incapacidade de encontrar-se com os outros e consigo mesmo. O pai era um fugitivo de si e dos outros na medida em que estes podiam revelá-lo a si mesmo.

Perplexidade: a partir da morte poder ir compondo uma imagem nítida onde havia não mais que um borrão, uma imagem desfocada de um pai que sempre lhe escapou. Que embora surgisse na sua fantasia de criança como "uma figura romântica, um homem de passado sombrio e excitante..." (p. 24), nunca pode ser encontrado fora dela, no pai real.

Provas atuais de sua existência: ao ir desfazendo a casa do pai morto, vai construindo uma história feita de objetos materiais - a casa, seus pertences, suas fotos - reflexões, lembranças, ficção, a história contada por outros e mesmo pelas matérias de jornal, tornando vivo e humano o retrato do pai.

E à medida que podia ir se apropriando de uma imagem paterna, ia percebendo que tê-la não era o suficiente para o preenchimento das lacunas deixadas pelo não encontro com o pai. O mal estar que acompanha sua escrita parece estar a serviço de uma denúncia implícita àquela morte: a invisibilidade que o assusta e que lhe pede meios de revelação, não é exatamente a do seu pai, mas a que se refere a momentos de criação de uma imagem sua ancorada na de alguém que se ofereceu pouco para essa tarefa. Pouco que não é nada e, ao contrário, torna-se muito quando concentra um enigma que deixa no autor o registro de uma vivência comparável à sensação que temos quando estamos diante de um espelho colocado dentro de um quarto mal iluminado. A imagem está lá e sabemos que ela existe. Mas com o que se parece aquilo que ela reflete?

A partir daí a história de seu pai passa a ser uma história compartilhada.

Nasceu sem a presença do pai, “Primeira lembrança: sua ausência” (p. 23).

Seu pai ficou órfão de pai aos 7 anos de idade. Nesta orfanidade, a primeira marca conhecida do tema do pai ausente na infância: um retorno. Seu casamento desfeito, a dor de se ver separado do filho pequeno, e ter que aceitar como seu o semblante do pai ausente da criança que ele foi: uma repetição. Presos nos trilhos da história familiar, cada menino percorre, a seu modo, a marca da ausência paterna, seja pelo efeito da morte, da invisibilidade ou da partida.

“Lembranças posteriores: um anseio” (p. 24).

O autor termina a primeira parte do livro pensando sobre o que o seu filho fará com os seus escritos no futuro. Na imagem que escolhe “para terminar isto” (p. 74): o sono tranquilo do seu filho, despede-se do pai morto.

Até este trecho e mais ainda nos que se seguem, vamos percebendo um envolvimento maior que apenas o acompanhamento de uma história. Com sensibilidade e escrita expressiva, o autor vai nos proporcionando a experiência de uma leitura vívida.

Um texto literário tem alma livre. Cada palavra contém e está contida numa rede de significações que não se encerram numa única interpretação. E se caímos na tentação de colocá-lo dentro de algum enquadre, vemos que ele transborda e escorre por fissuras que nos surpreendem. Será sempre um texto que nos chama para algo que se encontra e se perde a cada leitura.

O que a obra de arte provoca, embora possa ser psicanalítico aos meus e aos seus olhos, é uma mensagem que não tem necessariamente qualquer compromisso intelectual, e talvez por isso mesmo seja tão atraente. Ela é para todos e serve a qualquer pensar na visão comum ou complexa de cada espectador-cúmplice do momento e sentimento do autor. Eu o leio e o entendo porque compartilho da sua angústia, sua perplexidade e seu vigor. Vou me tornando sua confidente, amiga e analista deste enlace da sua obra com o movimento dos seus-meus desejos, seus-meus conflitos e sua necessidade de escuta na sua urgente demanda de escrever para alguém, para mim também. E então vamos ficando íntimos e únicos porque agora não é mais só o autor, somos nós e nossa dupla é singular.

É claro que literalmente o livro não interage com o leitor, nem este com o escritor. Mas no momento da escrita o autor está escrevendo para alguém, um leitor, uma leitora, eu leitora. Um que está em muitos e num só, cada um de nós que nos encontramos num tempo outro, no tempo de cada um, porque somos cada um num certo lugar particular e múltiplos em um mesmo tempo. Se o autor fala do ato de escrever, sua premência e impulsão, vejo o reflexo disso no leitor, também na sua premência e impulsão a ler. Parceria que se sustenta num espaço de reciprocidade de intenções e de sentidos no lugar do tempo indeterminado da revelação escrita e lida de algo compartilhável, simultaneamente próprio e estranho.

Vejo seu retrato na dobra da capa do livro e sinto que sua imagem me instiga. A princípio não gosto do seu olhar, ou talvez daquilo para o que ele esteja olhando. Uma resposta ao meu olhar? Nos entendemos na sua obra, e por que vê-lo na foto me causa esse espanto? Olho para sua foto: ele me cativa na força da emoção que me provoca; eu me aproprio de algo que vem da sua força criadora. Penso que aquele olhar que me perturba parece estar dizendo o mesmo que o meu: estou te desvelando. Ou talvez, simplesmente: feche o livro e me esqueça. Ao que eu posso responder: ainda bem que isto é só um livro...

“O Livro da Memória”; eis o nome da segunda parte do livro.

“Foi. Nunca mais será.” (p. 75). Assim posto, tudo terminado, é o momento de lembrar e recomeçar. O Livro da Memória nos é apresentado como decorrência do “Retrato de um homem invisível”, na medida que, durante a reconstituição da imagem paterna, o autor vai reconhecendo que, a urgência de escrever sobre o pai, mais que pertinente à consumação do luto, vem da urgência de escrever sobre ele próprio naquele momento.

Os elementos que ele agrega para compor determinadas imagens do pai, acabam por retornar sobre ele mesmo: da ausência do pai, às suas próprias lacunas, da invisibilidade dele, às suas próprias zonas de escuridão, da solidão que começando antes dele, vai atravessando gerações, e desemboca na sua. O autor se vê intimado a escrever o Livro da Memória quando percebe que está no meio de um processo irreversível, no caminho de encontrar-se nessas zonas de escuridão que o mantêm capturado por seus fascinantes e não menos apavorantes atratores. Iluminar esse espaço com algo que lhe faça sentido demanda mais que a revelação do retrato do pai, requer uma construção maior, capaz de ancorar sua própria identidade.

Entretanto, o Livro da Memória não é um livro de memórias, um registro de lembranças que vão se ajeitando mais ou menos a compor uma história com sentido, ainda que apenas um sentido de começo, meio e fim. Trata-se de um texto intenso e emocionado, no qual o autor num exercício de estilo, busca diminuir o espaço que há entre o pensar e o escrever. Escreve as lembranças do modo como elas surgem na cabeça, e fazendo assim, abandona o discurso lógico para escrever o pensamento que navega em associação livre. Mergulha num labirinto de veios intercomunicantes que ora o levam a si mesmo, ora à história da família, da humanidade, ao acaso, às produções artísticas, experimentando as

essências da beleza e do sofrimento humanos. Situa-se num lugar da narrativa que lhe permite observar os mecanismos da mente, o modo como se constitui e opera a memória, como se, ao desvendar não só “o que é”, mas o “como é”, pudesse se aproximar de algo seu capaz de libertá-lo dos imperativos de sua história. Sai da primeira pessoa do singular e coloca-se como alguém, que pairando sobre si mesmo num tempo que é presente-passado-presente, acompanha a elaboração das imagens evocadas, num tempo desamarrado do registro cronológico. Constituído dessa temporalidade, o Livro da Memória descreve com atualidade emocional lembranças que ganham a expressividade de atos. As recordações vão surgindo como surgem na experiência cotidiana: espontâneas, desencadeadas, perdidas no meio dos pensamentos, ou como verdadeiros achados destes. Como freqüentemente ocorre quando nos lembramos de algo, as imagens parecem cenas de um filme. Assistimos o fato, o sonho, o devaneio, como espectadores, ou seja, enquanto uma parte de nós nos observa; a outra executa o enredo.

No interior de um quarto, ele escreve o Livro da Memória como uma história, por que contar histórias é uma necessidade humana, tanto de quem conta, como de quem ouve: “no Livro da Memória fala consigo mesmo como se fosse outro, para contar sua própria história. Ele precisa fazer-se ausente para encontrar a si mesmo.” (p. 159).

O Livro da Memória tem 13 partes, cada qual uma história em si que não continua na seguinte mas que em algum momento vai se encontrar num outro relato, ou se repete acrescida com algo que a amplia ou a modifica, ou retorna como algo que insiste, como acontece numa análise. Dependendo do modo como juntamos os seus pedaços o Livro da Memória pode nos contar várias histórias diferentes sobre a história da mesma pessoa.

E assim, nesta segunda parte do livro temos uma metáfora da primeira. O autor vai mexendo nos seus pertences, desarranjando sua “casa psíquica” ao mesmo tempo em que vai erguendo novas construções. Percebe a memória como um lugar onde as coisas estão acontecendo. Um lugar de transformações constantes: constroem-se figuras que depois podem ser destruídas, desativadas, mortas ou ressuscitadas. Processador de lembranças que ao se constituírem de elementos da realidade psíquica ganham eficácia de verdade e reparam fragmentos de existência perdida.

A figura que o autor vai utilizar para nomear essa propriedade psíquica é a idéia da memória como um quarto. O quarto do pai fugitivo, que também é o quarto do filho, jovem poeta. É num quarto que o poeta Zimmer vai se enclausurar quando enlouquece, que Anne Frank vai escrever o seu famoso diário, que o amigo S. vai aprofundar sua busca de si mesmo, e para onde ele, o autor, retorna quando se separa da esposa e do filho, voltando para suas memórias. E para onde quer que ele vá, estará sempre nesse quarto. A estadia na casa do avô materno o

leva à sua infância no passado; a doença do seu filho o leva à tradução de textos de Mallarmé. Tudo o que fez e faz se determina numa lógica particular, “A memória pois, não tanto como o passado contido em nós, mas como prova de nossa vida no presente” (p. 142). Os eventos se encadeiam de fora para dentro e vice-versa, porque de certa forma fazemos e somos feitos no conjunto das coisas que nos cercam. “No espaço da memória, tudo é aquilo mesmo e outra coisa.” (p. 140). As palavras remetem-se umas às outras e estão todas orquestradas pela linguagem. Os acontecimentos e os já acontecidos vão se interligando, como estradas e ruas num mapa viário que pode levá-lo a diversos lugares e a nenhum. Os fatos se entrelaçam na vida dos homens e na história da humanidade em ligações explicáveis ou não, seja pelas leis determinísticas conhecidas, seja pelos eixos desconhecidos do acaso. “A mente, portanto, como aquilo que contém mais que ela mesma” (p. 169).

Mas se estamos assim encadeados de tal forma que não começamos nem terminamos em nós mesmos, carregando conosco restos que nos transcendem e que também se modificam pela nossa ação pessoal, qual seria a solidão possível para um homem, senão a que ele próprio inventa? *O inventor da solidão* é o nome deste livro.

Quando o autor entrou naquele quarto para um exílio imposto pela necessidade de mergulhar na sua alma, foi também constituindo um espaço de solidão. Foi recuperando a capacidade de estar só, mes-

mo na presença de muita gente encarnada ou não, que aos poucos foi saindo do primeiro plano da narrativa e se colocando na condição de pano de fundo. Em primeiro plano passa a ocorrer, então, o seu encontro com uma verdade incommunicável.

A solidão é uma possibilidade humana, “Pois é somente na escura solidão que se inicia o trabalho da memória” (p. 170). Inventar a solidão, neste contexto, pode ser sair do lugar da primeira pessoa, ponto de cruzamento de tantas rotas, para ficar no lugar onde a comunicação se origina do silêncio. Assim, nos limites de um quarto-memória um homem escreve sua história pessoal. Inventa a solidão, que não é estar sozinho, uma vez que tem sua mente povoada de mortos e vivos atuantes em seus cenários, mas que se faz de um distanciar-se deles, um descolamento a partir do qual pode vagar pelo mundo e por si mesmo.

A invenção da solidão é o constructo final do Livro da Memória. Começa com um luto, percorre caminhos de desvendamento de si mesmo, e chega ao ponto onde a solidão não é a falta de alguém que morreu, ou sequer existiu, mas, à sombra da memória, no silêncio da palavra, o lugar do cativo eterno, ou da usina de transformações.

Izabel Cristina Rios é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.